



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2016

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

Time: 2 hours

70 marks

PLEASE READ THE FOLLOWING INSTRUCTIONS CAREFULLY

1. This question paper consists of 8 pages. Please check that your question paper is complete.
 2. Answer ALL questions in the Answer Book.
 3. Number your answers exactly as the questions are numbered.
 4. Start each section on a new page.
 5. It is in your own interest to write legibly and to present your work neatly.
-

Responda apenas a **duas** perguntas. Deve responder a uma pergunta contextual e a um ensaio.

SECÇÃO A ROMANCE/NOVEL

PERGUNTA 1

O último voo do flamingo, Mia Couto



Pois: a situação não é bem-bem aquela que escrevi no relatório que lhe foi entregue pelo ex-camarada ministro. É muito mais grave. É este caso dos explodidos. Até já pensei ser feitiço encomendado por causa do meu enteado Jonassane. O senhor sabe: ele anda metido em maltas duvidosas que roubam e até inclinam para negócios de droga. Eu estou preocupado e lhe entreguei a ambulância que um projecto mandou para apoiar a saúde. Eu desviei a viatura para o moço fazer uns negócios de transporte. Entretinha-se e sempre rendia. Mas depois, complicaram-se com essas manias de corrupção-não-corrupção e acabei devolvendo a ambulância. Estou agora a pedir a uns sul-africanos que querem instalar-se aqui para me darem uma nova viatura. Eles entregam, eu facilito. É incorreto? Afinal, como se passa? A gente tem que chamar a moral para a nossa vida quando ela, a moral, não quer saber de nós para nada? Bom, isto são pensamentos de trazer por casa, minha privatizadas temáticas.

Agora, no distrito, só se ouvem estórias, contadeiras. O povo fala sem nenhuma licença, zunzundo sobre as explosões. E dizem que a terra está para arder, por causa e culpa dos governantes que não respeitam as tradições, não cerimoniam os antepassados. Eles falam assim, citando e recitando. Que posso fazer? São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada.

Minha esposa, a ex-camarada Ermelinda, também não me ajuda. Às vezes, ela frequenta as missas pouco católicas desse padre Muhando. Mesmo desconfio que ela visita-se lá no feiteiro, o tal Zeca Andorinho. Até chamou-me belzeburro. Veja. E disse que, afinal, o padre Muhando tinha razão: o inferno já não aguenta tantos demónios. Um género de deslocados do Inferno, está entender? E nós, os antigos revolucionários, fazemos parte desses excedentes.

A minha dúvida, Excelentíssimo Camarada, é a seguinte: não será que o padre Muhando tem razão? Não será que deveríamos cuidar melhor da vida das massas? Porque a verdade é que o caracol nunca deita fora a sua concha. O povo é a concha que nos abriga. Mas pode, repentinamente, tornar-se no fogo que nos vai queimar.

[Texto adaptado e com supressões (Págs. 96–99)]

O texto acima é uma carta que o administrador de Tizangara dirige ao ministro. Depois de ler atentamente o texto, responda às questões.

- 1.1 Exponha o que acha sobre a reação que o autor espera causar nos leitores. (4)
- 1.2 A narrativa aponta para valores éticos, sociais, económicos e religiosos. Indique dois desses valores abordados na missiva acima. (2)
- 1.3 Faça um pequeno comentário aos aspetos sociais abertamente confessados no texto acima. Fundamente o seu discorrer com exemplos intra e extra textuais (exteriores ao excerto transcrito). (4)
- 1.4 A ação do romance passa-se no pós-guerra. O que encontra de irónico nesse facto? (4)
- 1.5 Determine o sentido implícito das palavras:
- 1.5.1 Contadeirices (3)
- 1.5.2 Zunzunando (3)
- 1.5.3 Belzeburro (3)
- 1.6 Retire um exemplo de discriminação e comente-o. (4)
- 1.7 Redija umas linhas nas quais ofereça a sua opinião pessoal quanto ao último parágrafo do texto transcrito. (4)
- 1.8 O título do romance é *O último voo do flamingo*. Explícite o significado do flamingo no contexto da obra. (4)

[35]

OU

PERGUNTA 2

Segundo Ana Deusqueira, o que causa as explosões dos soldados da paz são as mulheres. O padre Muhando diz ter sido ele próprio a provocar as explosões. Zeca Andorinho também se acusa delas por ter feito um likaho de sapo para esse propósito. Mais tarde, Estêvão Jonas discute com Ana Deusqueira e culpa-a das explosões mas esta, por sua vez, incrimina-o por o administrador desviar o dinheiro destinado à remoção das minas e plantava mais para conseguir mais dinheiro.

Elabore um comentário ao verdadeiro significado das explosões no contexto das críticas contidas na obra.

[35]

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO/DRAMA**PERGUNTA 3*****Deus lhe pague, Joracy Camargo***

Senhor: Boa noite!

Maria: Boa noite! (*Limpendo uma cadeira com o avental*). Faça favor de sentar-se.

Senhor: (*Risonho*). Obrigado. Não tem curiosidade em saber quem sou?

Maria: (*Contente*). Não perguntei ainda porque o senhor está tão bem vestido ...

Senhor: Só por isso? ...

Maria: Só. O senhor deve ser muito importante e eu não sei se é falta de educação perguntar. (*O Senhor sorri*). Os hábitos das pessoas importantes são tão diferentes dos nossos ...

Senhor: São os mesmos, minha senhora. A educação é uma só.

Maria: Pois eu acho que não é ...

Senhor: Porquê?

Maria: Porque, pelos nossos hábitos, aperta-se a mão das pessoas ...

Senhor: As pessoas importantes, quando são educadas, também fazem isso ...

Maria: Mas o senhor não fez ...

Senhor: (*Sorrindo-lhe e apertando-lhe a mão*). Foi distração. Boa noite ...

Maria: Boa noite. Posso perguntar? ...

Senhor: Pode.

Maria: Quem é o senhor?

Senhor: Sou o director das fábricas onde o seu marido trabalha.

Maria: (*Espantada*). Ah! (*Limpendo a cadeira*). Faça o favor de sentar-se!

Senhor: (*Sentado*). Muito obrigado. Não é preciso ficar atarantada ...

Maria: (*Reparando nele*). Juca é um mentiroso!

Senhor: Quem é Juca?

Maria: Meu marido.

Senhor: Por que é que ele é mentiroso?

Maria: Ele disse-me que o senhor tem cara de chimpanzé!

Senhor: Oh! Você acha?

Maria: Não. Não acho. Mas o senhor também não é como eu pensava.

Senhor: Como é que você pensava?

Maria: Pensava que o senhor fosse «milionário»!

Senhor: Pois eu sou milionário.

Maria: Ah! Então os milionário são assim? [...]

Maria: [Meu marido] Não deve tardar. Ele agora fica na fábrica até mais tarde.

Senhor: Já sei. Fazendo a experiência de um novo invento ...

Maria: O senhor já sabia?

Senhor: Já. É justamente para lhe falar sobre isso que estou aqui. [...]

Maria: (*Contente*). Que bom! O aparelho é tão bonitinho, não é?

Senhor: Não sei. Ainda não o vi ...

Maria: Está tudo desenhado num papel. Foi ele mesmo!

Senhor: Ele sabe desenhar?

Maria: Sabe.

Senhor: Não acredito ...

Maria: Sabe e muito bem!

Senhor: Só vendo ...

Maria: (*Indignada*). Pois eu vou mostrar ao senhor! (*Sai apressada. O Senhor levanta-se, visivelmente contente, e vai à porta da entrada espreitar. Maria volta, trazendo um canudo de lata*). Está tudo aqui neste canudo! (*Entrega-o*). Faça o favor de ver! (*O Senhor retira os desenhos e examina-os rapidamente*). O senhor está muito enganado! Juca é o homem mais inteligente do mundo!

3.1 "**Senhor:** (*Risonho*). Obrigado. Não tem curiosidade em saber quem sou?"

Explique por que estaria o Senhor "risonho". (3)

3.2 Interprete a terceira fala de Maria. (5)

3.3 Detenha-se sobre a razão que leva o Senhor a casa de Juca sabendo que ele se encontra ainda na fábrica. (4)

3.4 Caracterize psicologicamente as duas personagens intervenientes. (6)

3.5 *Deus lhe pague* ... apresenta dois textos paralelos: um constituído pela fala das personagens; e outro descritivo, analítico e por vezes judicativo.

3.5.1 Este último é a didascália. Explique qual é a função da didascália. (5)

3.5.2 Proceda a uma pequena análise da didascália presente nos excertos transcritos. (6)

3.6 Comente a última fala de Maria e as consequências que advieram do seu gesto. (6)

[35]

OU

PERGUNTA 4

Para mim, a vida é a miniatura do teatro. Ele a aumenta, a embeleza, a sublinha. A vida cria o conflito; o teatro o resolve; e nessa solução, a vida tem aumentado o seu patimónio moral.

Procópio; "Prefácio" de *Deus lhe pague*

Partindo da frase *a vida é a miniatura do teatro*, interprete a transcrição acima à luz da temática explícita em *Deus lhe pague*. Fundamente todas as suas afirmações.

[35]

SECÇÃO C CONTO/SHORT STORY**PERGUNTA 5****"Maria Lionça", de Miguel Torga**

Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo. Um talefe encardido pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata. Duas horas de penitência.

Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça.

Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida, como quando se ouve tocar a Senhor fora. E nem ler sabia! Bens – os seus dons naturais. Mais nada. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre, e os que, por parentesco ou mais chegada convivência, lhe herdaram o pouco bragal, bem sabiam que a grandeza da herança estava apenas no íntimo sentido desses panos. Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos, vinha a riqueza duma existência que ia ser a legenda de Galafura.

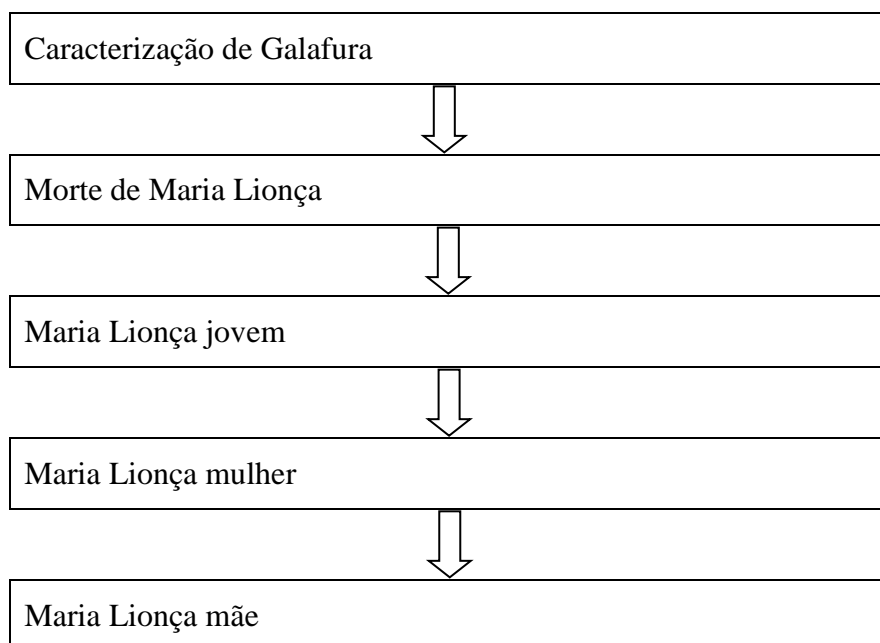
Quando Deus a levou, num Março que se esforçava por dar remate prazenteiro a três meses de invernia sem paralelo na lembrança dos velhos, Galafura não quis acreditar. Embora a visse estendida no caixão, lívida e serena, aspergia sobre o cadáver a água benta do costume, sem que o seu rude entendimento concebesse o fim daquela vida.

A personagem central do conto é Maria Lionça, uma singela mulher da montanha.

- 5.1 A descrição de Galafura, uma aldeia na montanha, no primeiro parágrafo, assume conotações de sacralidade: é apresentada de baixo para cima, como se fosse algo difícil de atingir. De facto, uma pequena frase elíptica, *Duas horas de penitência*, aponta para o clímax da subida "... por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga ..." Chegados à aldeia, deparamo-nos com simplicidade genuína.
- Relacione a descrição com Maria Lionça tendo em conta dois conceitos: espiritualidade e sacrifício. (10)
- 5.2 *Montanha. O berço digno da Maria Lionça.* Explique por que motivo o autor considera a "montanha" "o berço digno de Maria Lionça". (6)
- 5.3 A trama da narrativa inicia-se em *ultima res* no quarto parágrafo. Justifique esta afirmação. (5)
- 5.4 Identifique as figuras de estilo contidas nas expressões e justifique as suas respostas:
- 5.4.1 Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo. (3)
- 5.4.2 debruçada sobre o Varosa (3)
- 5.4.3 O berço digno da Maria Lionça. (3)
- 5.5 Exponha como reagiram os habitantes de Galafura à morte de Maria Lionça. (5)

[35]

OU

PERGUNTA 6**Estrutura da narrativa**

Proceda a uma caracterização interpretativa de Maria Lionça a partir da sequência acima.

[35]

PERGUNTA 7 POESIA/POETRY

"Alma minha gentil que te partiste", de Luís de Camões

Alma minha gentil, que te partiste
 Tão cedo desta vida, descontente,
 Repousa lá no Céu eternamente
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
 Memória desta vida se consente,
 Não te esqueças daquele amor ardente
 Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
 Alguma cousa a dor que me ficou
 Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

7.1 Classifique o poema quanto à forma e fundamente a sua resposta.

(3)

- 7.2 Efetue e classifique o esquema rimático quanto:
- 7.2.1 à disposição (4)
 - 7.2.2 à acentuação (4)
 - 7.2.3 à qualidade (4)
- 7.3 Efetue a escansão do décimo primeiro verso. (3)
- 7.4 Comente os sentimentos expressos pelo eu poético mediante a oposição entre o "cá" e o "lá". (5)
- 7.5 Divida a composição poética em partes e proceda à explicação de cada uma delas. (5)
- 7.6 Transcreva dois eufemismos e apresente o seu significado. (4)
- 7.7 Transcreva a única cacofonia e explique por que razão assim se classifica. (3)
- [35]**

OU

PERGUNTA 8

"Poema do futuro cidadão", de José Craveirinha

Vim de qualquer parte
de uma nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu
nem tu nem outro...
mas irmão.
Mas
tenho amor para dar às mãos-cheias.
Amor do que sou
e nada mais.

E
tenho no coração
gritos que não são meus somente
porque venho dum País que ainda não existe.

Ah! Tenho meu Amor a todos para dar
do que sou.
Eu!
Homem qualquer
cidadão de uma Nação que ainda não existe.

Efetue a interpretação do poema tendo em atenção: a estrutura estrófica e métrica, assonâncias e aliterações, assim como o desenvolvimento da temática.

[35]

Total marks: 70